

# O ESTRANGEIRO

## A singularidade do protagonista sob a ótica da Análise do Discurso

Léia do Prado Teixeira<sup>1</sup>

Herasmio Braga de Oliveira Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa o perfil intrigante do personagem central de *O Estrangeiro*, que, por meio da indiferença, manifesta um discurso de resistência aos valores e costumes estabelecidos socialmente. Ao ressignificar a apatia de Meursault, pelo preenchimento de lacunas deixadas no texto de Camus (2024), a discussão dialoga com a teoria do efeito estético de Iser (1996-1999). Uma vez que a obra não explica, sugere, privilegiando a formação em detrimento da informação. Assim, oportuniza ao leitor o uso de seus dotes imaginativos e coloca *O Estrangeiro* na contramão de muitas obras hodiernas que, segundo Han (2023), fomentam a crise narrativa. A pesquisa mobilizou conceitos oriundos da Análise do Discurso (sujeito e relações de poder) através de Foucault (2003, 2006, 2018) e Mussalim & Bentes (2009), cuja contribuição foi essencial para a análise. O *corpus* do estudo contempla fragmentos da obra, nos quais o discurso subversivo é materializado, revelando a singularidade de um anti-herói insubmisso às regras de conduta impostas pela sociedade.

---

1 Mestranda em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UESPI/Teresina. Professora da educação básica há mais de 20 anos. Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Português – UESPI.

2 Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – UFRN. Docente do quadro permanente da pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Piauí, do ProfLetras da Universidade Estadual do Piauí, professor adjunto II, com dedicação exclusiva, pela Universidade Estadual do Piauí.

**Palavras-chave:** Meursault. Indiferença. Resistência. Análise do Discurso. Relações de poder

## **ABSTRACT**

This article analyzes the intriguing profile of the central character in *The Stranger*, who, through indifference, manifests a discourse of resistance to socially established values and customs. By reinterpreting Meursault's apathy through the filling of gaps left in Camus's text (2024), the discussion engages with Iser's theory of aesthetic effect (1996-1999). Since the work does not explain but suggests, prioritizing formation over information, it provides the reader with the opportunity to use their imaginative skills and positions *The Stranger* against many contemporary works that, according to Han (2023), promote a narrative crisis. The research mobilized concepts from Discourse Analysis (subject and power relations) through Foucault (2003, 2006, 2018) and Mussalim & Bentes (2009), whose contributions were essential for the analysis. The study's *corpus* includes fragments of the work in which the subversive discourse is materialized, revealing the uniqueness of an anti-hero who defies the conduct rules imposed by society.

**Keywords:** Meursault. Indifference. Resistance. Discourse analysis. Power relations

## **INTRODUÇÃO**

Segundo o crítico Franklin Oliveira, “[...] o melhor método para definir as tendências de uma literatura está em saber como se comportam as personagens dos romances que ela é capaz de produzir” (OLIVEIRA, 1991, p. 358, *apud* BRITO, 2017, p. 61). Analisando o perfil de Meursault

em *O Estrangeiro* de Albert Camus à luz da ideia de Franklin Oliveira, cabe afirmar que suas atitudes refletem as correntes filosóficas do Existencialismo e Absurdismo. Em que pese o autor não se considerar existencialista, sua obra apresenta focos dessa tendência, como a liberdade individual e a busca por autenticidade. Ambas definem a estranha personalidade do protagonista, que age de acordo com suas próprias convicções, em vez de conformar-se às expectativas sociais ou papéis impostos. Destarte, a obra oferece um retrato das preocupações e temas predominantes na literatura do século XX.

Nessa perspectiva, nota-se, na figura do personagem, uma subjetividade marcada pela resistência aos discursos que determinam as convenções sociais. Isso se concretiza no desacato a autarquias do âmbito jurídico, religioso e familiar (juiz, padre e mãe, respectivamente). Além disso, desrespeita algumas normas da boa convivência, ao falar o que pensa e fazer o que lhe convém, sendo fiel aos seus próprios princípios de liberdade e autenticidade, bem como não se deixando coibir, tampouco influenciar por normas de fé e conduta. Tem-se aqui a descrição da singularidade de Meursault, um ser humano autônomo no enfrentamento do poder exercido por discursos que controlam e moldam a identidade dos indivíduos.

Todavia, a percepção dessas nuances relacionadas ao protagonista não é exaustivamente explicada ou descrita. É nas sutilezas do discurso que se desvelam as subjetividades desse ser. Nesse sentido, o olhar perspicaz do leitor na captação dos pormenores só é instigado se, e somente se, o autor oportunizar-lhe o prazer dessa experiência imaginativa. Para tanto, faz-se necessário o ocultamento da informação em detrimento da formação do espírito imaginativo. Conforme ratifica o crítico literário Herasmo Brito:

A capacidade imaginativa vivenciada pelas linhas tecidas será determinante para o preenchimento qualitativo das lacunas dos textos. Assim, diante das forças expressivas materializada na escrita, os sentidos serão reelaborados e não serão reféns do entendimento superficial oriundo das camadas descritivas. (BRITO, 2024, p. A6)

Desse modo, o poder formativo de uma trama é inversamente proporcional ao seu caráter informativo. Em outros termos, quanto mais uma narrativa se concentra em transmitir informações claras e objetivas, menos é capaz de formar ou transformar o leitor. Logo, “[...] sem o uso efetivo dos seus efeitos imaginativos, ficar-se-á à margem de qualquer

compreensão ou do simples entendimento.” (BRITO, 2024, p. A6).

Analogamente, pode se dizer que Camus, ao criar esse clássico da literatura, plantou a semente da significação no campo fértil do não-dito. Cabendo ao leitor, por sua vez, enquanto cultivador, e não cultuador de arte, promover a germinação e frutificação da semente plantada, ressignificando-a no solo da imaginação.

É o que compete ao presente estudo: ressignificar a indiferença de Meursault, apresentando focos de resistência no seu discurso aparentemente despretensioso. Nesse sentido, ativamos conceitos da Análise do Discurso (AD), a fim de mostrar como suas falas refletem irreverência e convergem para a contestação de convenções sociais, valores e leis. Isso porque é natural que discursos cristalizem a “pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação”. Além de Foucault, apoiamos-nos no pensamento de Herasmo Braga (2017), Franklin Oliveira (1991), Lourival Holanda (1992), entre outros.

## RESSIGNIFICANDO A INDIFERENÇA DE MEURSAULT

Nas primeiras linhas da obra, o narrador-personagem Meursault já se mostra apático a um acontecimento que, via de regra, deveria lhe impactar: a morte da mãe: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames’. Isto não quer dizer nada.” (CAMUS, 2024, p. 13). Esse evento, que normalmente provoca uma série de reações emocionais em um filho, como tristeza profunda, choque ou negação, para ele não significou nada, nem instigou sequer um tênue escorrer de lágrima em seu rosto. Logo no início da leitura o leitor já é recebido com um “soco no estômago” provocado por essa reação inusitada.

Surge então a primeira lacuna interpretativa que o leitor precisa preencher, pois o autor não explicita o motivo da indiferença, exigindo do leitor uma participação ativa na construção de um sentido para esse estranho modo de agir e para o significado do romance como um todo. A interação entre as lacunas textuais e o trabalho do leitor é fundamental para a experiência estética da leitura.

Sobre isso, Wolfgang Iser em “O Ato da Leitura” (1996) argumenta que a estética de um texto literário reside

em sua capacidade de provocar respostas imaginativas e emocionais no leitor, as quais são desencadeadas por vazios e pela necessidade de preenchê-los. Lima (1979), ao estudar o pensamento iseriano depreende que

Iser parte da consideração sobre o papel desempenhado pela contingência nas interações humanas. Na interação a dois, a cada parceiro é impossível saber como está sendo exatamente recebido pelo outro. [...] Deste lastro negativo, resultará, contudo, uma exigência de ordem positiva: o hiato em que sempre corre cada ato de interação, a transparência mútua impossível nos obriga à prática cotidiana da interpretação. A interpretação, portanto, cobre os vazios contidos no espaço que se forma entre a afirmação de um e a réplica do outro, entre pergunta e resposta. (LIMA, 1979, p. 23)

Em *O Estrangeiro*, a resposta que suprirá a carência gerada pelo não-dito virá se, e somente se, o leitor mobilizar seus conhecimentos prévios, em um ato de leitura interativo e dinâmico. Albert Camus disponibiliza pistas que conduzem a uma possível compreensão da aparente insensibilidade, porém todas no campo do implícito. Entretanto, se houver, o recrutamento de saberes adquiridos através de experiências

leitoras precedentes na área da Análise do Discurso (AD), o leitor perceberá a voz da resistência ecoando no discurso de Meursault. Seu discurso é um protesto a discursos morais e religiosos que permeiam a sociedade.

Iser destaca o papel interativo do leitor explicando metaforicamente como isso acontece. Ele compara o ato de ler com um jogo de fantasia, do qual leitor e autor participam mutuamente. Logo, não seria possível iniciar o jogo

[...] se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra de jogo. É que a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entre em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossas capacidades. (ISER, 1999, v.2, p. 10).

Em outros termos, o autor cria o texto com certas intenções e estruturas, mas é o leitor que traz sua própria imaginação e interpretação para completar e dar vida a esse texto. Enquanto “regra de jogo”, ele fornece as diretrizes básicas, mas não determina todos os pormenores ou significados. Se assim o fosse, pela imposição de um sentido fixo e rígido, não permitiria a mesma liberdade criativa ao leitor. Sob essa ótica, a leitura se torna prazerosa quando



o texto dá ao leitor a oportunidade de usar suas próprias capacidades interpretativas e imaginativas. Isso significa que o texto deve oferecer espaços em branco, ambiguidades e oportunidades para que o leitor preencha e interprete, tornando a leitura uma atividade envolvente e participativa.

A forma fria como o protagonista lidou com a situação trágica constitui-se uma pista disponibilizada pelo autor para a construção dos sentidos dessa obra. Considerando que dá abertura para o leitor usar seus dotes interpretativos na busca pelo desvelamento da intrigante subjetividade desse sujeito. Desse modo, o leitor entra em ação com seus conhecimentos de mundo e passa a participar ativamente do jogo da leitura, ativando todo o repertório disponível na produção da significação do texto lido.

A hipótese levantada de que a atitude gélida pode ter sido influenciada pela irreverência do enlutado em se rebelar contra convenções sociais gira em torno do fato de a passividade inicial ter se prolongado por toda a narrativa: coisas vistas convencionalmente pela sociedade como relevantes só provocam nele um seco “tanto faz!”. Expressões nesse sentido foram usadas muitas vezes no decorrer da trama. Acredita-se que o uso reiterado de termos linguísticos com teor de desdém não foi um ato ingênuo por parte do autor, mas um

meio de chamar a atenção do leitor para o perfil peculiar do anti-herói.

*O Estrangeiro* por possuir um quê de mistério, sem explicações para a causa da frieza emocional do personagem principal, não se configura como uma obra de caráter informativo, mas formativo. Camus, enquanto autor de narrativas sempiternas, que sobrevivem às barreiras espaço-temporais, restringe-se a narrar “o que” aconteceu, deixando a cargo da capacidade imaginativa do leitor a tarefa de descobrir “por que” aconteceu. E ainda, o que levaram esta ou aquela figura da trama agir ou falar dessa e não daquela forma. Lourival Holanda (1992) ratifica isso quando diz: “O Estrangeiro [...] Não explica, descreve. Isso lembra de imediato a posição borgiana: a filosofia pretende provar, justificar teorias; a literatura é mais modesta, apenas quer encher o mundo de imagens” (HOLANDA, 1992, p. 26 *apud* BRITO, 2017, p. 59)

O excesso de informação no texto literário é representativo de um fenômeno contemporâneo denominado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han como “crise da narração”. Em seu livro “A crise da narração” o autor afirma reiteradamente que “Explicação e narração são mutuamente excludentes. [...] É justamente a omissão da explicação que

é essencial para a verdadeira narração. A narração dispensa qualquer explicação [...]” (HAN, 2024, p. 20-21-22).

Ele defende seu posicionamento com um argumento de autoridade, citando Walter Benjamin, crítico cultural alemão, que já falava sobre isso no século passado: “A narração, de acordo com Benjamin, ‘não se esgota em si mesma’. Ela ‘preserva sua força acumulada em seu interior e é capaz de se desdobrar depois de muito tempo’.” (BENJAMIN, 1985, p. 201 apud HAN, 2023, p. 23).

Assim sendo, a narração não é apenas um relato efêmero, mas possui uma capacidade inerente de se desdobrar e revelar novos significados conforme o tempo passa. Isso ocorre porque as histórias carregam camadas de significados e interpretações que podem se desvelar de forma mais clara ou diferente à medida que as condições culturais, sociais e pessoais mudam. Nesse caso, a presente leitura que se faz do personagem Meursault ilustra, seguramente, a peremptoriedade que é característica da obra de Camus, excluindo-a dessa leva de obras que contribuem para a crise narrativa.

## O QUE O TEXTO NÃO EXPLICA, O DISCURSO REVELA

Ao analisar as falas de Meursault pelo enfoque da AD, constata-se um sujeito cujo discurso apresenta indícios sutis, porém reveladores de uma conduta balizada por princípios de irreverência. A AD se preocupa não apenas com o conteúdo literal das falas, mas também com os contextos em que essas falas são produzidas, incluindo as relações de poder, os sistemas de valores e as identidades dos sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva, há um quê de resistência nas suas palavras quando diz, por exemplo, “Isto não quer dizer nada”. Uma leitura mais atenta dará conta de constatar sua contestação a valores e normas travestida da pouca ou nenhuma importância que ele dá a algumas situações e/ou pessoas. Ou seja, o “isto não quer dizer nada” diz muito sobre sua singularidade. Em outras palavras, por trás do aparente alheamento está alguém insubmisso às regras que regem o comportamento de um filho mediante a circunstância da morte da progenitora.

A conduta dele diante do óbito materno vai de encontro a algumas convenções morais e éticas, consideradas dispositivos de poder que regulam posturas e moldam subjetividades, definindo o que é certo e errado, aceitável ou

inaceitável. Desse modo, funcionam como estratégias de controle das ações dos indivíduos, muitas vezes sem que eles percebam a influência do poder subjacente. Nesse sentido, o personagem demonstrou desrespeito a padrões sociais quando por três vezes se negou a ver sua mãe pela última vez. Ora respondeu com um ríspido “não”, ora com o silêncio, ao ser questionado se queria se despedir da mãe antes que fechassem a urna:

“Imagino que deseje ver sua mãe!” Levantei-me sem nada dizer [...] “Fecharam-no, mas eu vou desparafusar o caixão para que o Senhor possa vê-la.” Aproximava-se do caixão quando eu o detive. “Não quer? “Não.”, respondi. [...] Os empregados da agência funerária já cá estão. Vou-lhes dizer para fecharem o caixão. Quer ver a sua mãe pela última vez? Disse que não. (CAMUS, 2024, p. 15-16-22)

Para a AD, o indivíduo que enuncia é multifacetado. Isso implica dizer que uma mesma pessoa pode ocupar múltiplas posições discursivas dependendo do contexto em que se encontra. Desse modo, os sujeitos são constantemente posicionados pelos discursos que os cercam. E são esses posicionamentos que determinam o que cada um pode ou

não dizer, a partir do lugar em que ocupa. Logo, o sentido do enunciado é, em larga medida, definido pela posição ocupada como pai, filho, chefe, empregado, etc. A teoria da AD que rege o conceito de sujeito confirma o exposto:

[...] o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que pode ou não dizer a partir dali. Ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso. (MUSSALIM & BENTES, 2009, p. 133).

No contexto da obra em análise, Meursault é posicionado socialmente como “filho” e, culturalmente, espera-se que demonstre afeto e respeito pela mãe, especialmente em momentos críticos como a morte. Ao recusar-se a ver a mãe, desafia esse posicionamento e as regras culturais associadas a ele. Sua atitude insensível e desconectada contribui para a construção de sua imagem como um “estrangeiro”, alguém imerso em seu próprio mundo e alheio às convenções da realidade.

A formação discursiva que permeia a narrativa de Meursault é marcada pelo discurso existencialista, que questiona os valores tradicionais e a busca por sentido na vida. Sua recusa em seguir o convencionalismo do luto pode ser vista como uma manifestação dessa formação discursiva, que enfatiza a liberdade individual. Como sujeito clivado, é constituído por diversos discursos que se entrelaçam. Sua relação com a mãe e sua atitude perante sua morte revelam uma faceta de sua subjetividade que está em desacordo com a tradição, mas que faz sentido dentro de sua própria visão de mundo.

Nota-se aqui, uma postura condenável pela formação discursiva de base moralista. Uma vez que, pelos parâmetros estabelecidos, um filho que assim age é rotulado como insensível e desamoroso. Isso ocorre em decorrência dessas diretrizes funcionarem como referência para as noções de “bom cidadão”, “bom pai” ou “bom filho”, por exemplo. Dessa forma, controlam as subjetividades dos indivíduos, e determinam que ações humanas são esperadas e valorizadas.

A respeito disso Foucault (2006) afirma que, na sociedade moderna, existe uma rede de micropoderes, em que os indivíduos são convertidos em sujeitos assujeitados ao sistema de usos e costumes que sustentam essa teia social.

Para ele, alguns mecanismos para manutenção das relações de poder são usados como o da objetivação e subjetivação do homem. Este, torna o homem refém de uma identidade pré-estabelecida, da qual está dependente e pela qual é controlado. Aquela, por sua vez, o transforma em um ser dócil e útil, apto para o convívio em sociedade. Em outras palavras, “o indivíduo, visto como sujeito, é, antes de tudo, uma silhueta produzida pela sujeição, pelas tramas de pequenos poderes que se manifestam em práticas e demandam técnicas” (GHIRALDELLI, 2008, p. 78).

Sob esta ótica, o personagem não se encaixa nos moldes de “sujeito dócil”. A docilização é um conceito que se refere a indivíduos ou grupos que aceitam e se submetem passivamente às exigências da ordem dominante sem questionar ou resistir. O desinteresse de Meursault pode ser visto como um subterfúgio de resistência ao poder. Considerando que, ao rejeitar as normas impostas, desafia a hegemonia desses discursos e abre espaço para a possibilidade de novos modos de ser e de pensar. Seu jeito estranho não é apenas uma característica isolada, mas um ponto de confronto com os mecanismos de dominação.

Em determinado momento da história, durante o funeral, ele continua se contrapondo a tais mecanismos,



na medida em que não externa nenhuma consternação pela perda irreparável. Ao invés disso, limita seu lamento ao desconforto provocado pelo calor e cansaço. Conforme mostra o seguinte fragmento:

Em volta de mim, era sempre a mesma paisagem luminosa, inundada de sol. O brilho do céu era insustentável. Em dado momento, passamos por um troço de estrada que havia sido arranjado há pouco. O sol derretia o alcatrão. Os pés enterravam-se, deixando aberta a carne luzidia do alcatrão. Por cima do carro, o chapéu do cocheiro, de couro escuro, parecia ter sido moldado na mesma lama negra. Sentia-me um pouco perdido entre o céu azul e branco e a monotonia destas cores, negro pegajoso do alcatrão aberto, negro baço dos fatos, negro lacado do carro. Tudo isto, o sol, o cheiro de borracha e de óleo do automóvel, o do verniz e o do incenso, o cansaço de uma noite de insônia, me perturbava o olhar e as ideias. (CAMUS, 2024, p. 25)

Ao descrever a cena com riqueza de detalhes, Meursault revela uma atitude descompassada com relação ao falecimento, o que demonstra sua não submissão às

expectativas emocionais associadas ao luto. Percebe-se que o foco da atenção dele está voltada às condições físicas (o calor, o alcatrão derretendo, o cheiro de borracha e óleo) durante o enterro, em uma desconexão total com a dor da perda. Na ocasião, houve preocupação com o próprio desconforto em detrimento da importância cerimonial em si. Isto é, o rito de cortejar o traslado do corpo até o cemitério foi realizado mecanicamente, sem a clássica manifestação de pesar percebida em momentos assim.

O sentido desse texto já é previsto e demarcado pelas forças ideológicas subjacentes ao sujeito enunciante (discurso de resistência). Nesse caso, em se tratando de que ele é produzido por uma prole que acabou de perder aquela que a gestou, não há outro sentido senão compreender que o laço sanguíneo que supostamente os une afetivamente se encontra aquém da fadiga causada pelo sol escaldante que tanto o afetou. Todavia, se porventura essa fala fosse reproduzida pelo mesmo indivíduo (Meursault), porém em outra circunstância fúnebre, em que ele não fosse o filho, mas sim um agente funerário, um coveiro, um desconhecido ou até um genro da vítima, o discurso teria uma outra conotação. Isso comprova que, “[...] o que está em questão não é o sujeito em si; o que importa é o lugar ideológico de onde enunciam os sujeitos.” (MUSSALIM & BENTES, 2009, p. 131).

Outrossim, Meursault continua a dar sinais óbvios de irreverência. Uma vez que um dia após o sepultamento se envolve em um relacionamento amoroso, regado a banho de mar e ida ao cinema para assistir filme de comédia com uma antiga conhecida. Como se pode perceber pela análise do seguinte trecho:

Enquanto fazia a barba, perguntei-me o que iria fazer e resolvi tomar um banho de mar [...] Na água encontrei Marie Carona, uma antiga datilógrafa que eu desejara na época. Ela também, creio eu. [...] Perguntei-lhe se queria ir ao cinema à noite. Riu e disse que estava com vontade de ver o filme de Fernandel. [...] Disse-lhe que mamãe tinha morrido. Como quisesse saber há quanto tempo, respondi: — Morreu ontem. [...] Isto nada queria dizer. [...] O filme tinha momentos engraçados e outros realmente idiotas.[...] A sua perna estava encostada na minha. Acariciava-lhe os seios. No fim da sessão, eu a beijei, mas mal. (CAMUS, 2024, p. 27, 28)

A resposta dele à Marie, dizendo simplesmente “morreu ontem”, sem demonstrar qualquer emoção, representa uma clara resistência às expectativas geradas em

torno do luto. As convenções sociais ditam que a morte de um ente querido deve ser acompanhada de um período de tristeza e respeito. No entanto, não demonstra nenhum desses sentimentos, indicando uma recusa em adequar-se ao modo como deve-se reagir à morte de um parente próximo.

Suas ações refletem uma liberdade e autonomia que ignoram as previsões de comportamento adequado em situações específicas, como a de estar enlutado. Ele faz o que deseja, sem se preocupar com o que a sociedade possa pensar ou esperar dele. Essa independência é uma forma de resistência ao sistema normativo que tenta ditar o comportamento das pessoas. A interação de Meursault com Marie também é caracterizada por uma falta de romantização. Ele menciona que ambos se desejavam no passado, mas o faz de uma maneira desapaixonada e objetiva. Sua proposta de ir ao cinema é direta e sem grandes pretensões românticas, o que desafia os costumes que muitas vezes envolvem um ritual mais elaborado de cortejo e romance.

Na sequência, menciona que a morte de sua mãe “nada queria dizer”. Essa declaração reflete uma visão de mundo que resiste à necessidade de encontrar significados profundos ou convencionais em eventos de vida. Os protocolos frequentemente impõem significados específicos a eventos

como a morte, mas rejeita essa imposição, preferindo uma interpretação mais indiferente e pessoal. E por fim, a observação de Meursault sobre o filme que assistiu com Marie, descrevendo-o como tendo momentos “engraçados e outros realmente idiotas”, pode ser vista como uma crítica à cultura popular e à superficialidade que ela pode representar. Essa crítica sutil sugere uma resistência aos padrões culturais que valorizam entretenimentos, os quais considera fúteis ou sem profundidade.

Outro fato que chamou atenção foi Meursault declarar que não sabia a idade exata da senhora que o gerou:

“É sua mãe que está ali?” [...] “Sim.” [...] “Era muito velha?” “Assim, assim”, respondi, porque não sabia ao certo quantos anos tinha. [...] O patrão foi amável. Perguntou se eu não estava muito cansado e quis também saber a idade de mamãe. Para não incorrer em erro, respondi “Uns 60 anos”. (CAMUS, 2024, p. 25, 33).

Isso sugere aspectos profundos de sua relação com a sociedade e com as recomendações postas. Assim, rompe com as orientações de cuidado e afeto filial. Na sociedade em que ele vive, espera-se que os filhos conheçam detalhes

importantes sobre seus pais, incluindo a idade. Ao demonstrar não sabê-lo, subverte a autoridade dos discursos hegemônicos que valorizam a família e os laços afetivos.

Além disso, quando foi interpelado pelo advogado se ficado contristado e sofrido com a perda materna disse: “É claro que amava mamãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres normais tinham em certas ocasiões desejado, mais ou menos, a morte das pessoas que amavam”. Com isso, foi orientado a mentir na audiência, dizendo que, na ocasião, não esboçou tristeza por controlar seus sentimentos. Ao que se negou imediatamente a fazê-lo: “Não, porque não é verdade” (CAMUS, 2024, p. 69). Pelo exposto, fica claro que mesmo amando-a, como dizia, desejou que ela morresse. Porque, para o estrangeiro, uma coisa não anula a outra.

Sua atitude é, em si, um sintoma de oposição às estruturas de poder que ditam como os indivíduos devem se relacionar. Inclusive, no relacionamento dele com Marie aconteceu um episódio, no mínimo, intrigante. A saber:

À noite, Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Respondi que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como aliás já

respondera uma vez, que isso nada queria dizer, mas que não a amava. “Nesse caso, por que se casar comigo?”, perguntou ela. Expliquei que isso não tinha importância alguma e que, se ela o desejava, nós poderíamos casar. Era ela, aliás, quem o perguntava, e eu me contentava em dizer que sim. Observou, então, que o casamento era uma coisa muito séria. “Não.”, respondi. (CAMUS, 2024, p. 48, 49).

A resposta de Meursault ao questionamento de Marie é marcada por um discurso apático, em que não atribui significado ao casamento, tampouco ao amor. Para ele, esses conceitos são vazios de significado, desconstruindo o discurso religioso e matrimonial, que enaltece o casamento como uma instituição divina carregada de valor moral. A dinâmica de poder entre o casal é perceptível, pois, embora pareça ceder ao desejo dela de casar, mantém o controle ao reiterar sua indiferença. A decisão é relegada a Marie, mas sob a condição do “tanto faz” dele, subvertendo as expectativas tradicionais de compromisso e reciprocidade emocional. Logo, o discurso de Meursault reverbera uma resistência passiva, visto que, apesar de não se opor ativamente às convenções sociais, seu desprezo pelas mesmas constituem uma rebelião ao poder normativo da sociedade.

A narração de um ato bárbaro cometido pelo personagem foi feita de maneira sucinta, sem justificativas que possivelmente viesse a atenuar a gravidade do crime. Meursault praticou um assassinato contra um árabe na praia. Em uma circunstância assim, é natural o algoz expressar arrependimento ou florear a narrativa explicando as motivações que o levaram a cometer tal atrocidade. Isso não aconteceu. Não se mostrou pesaroso ao relatar o fato, pelo contrário, contou-o sem parcialidade, com a objetividade de um jornalista profissional:

Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecidor, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes contra um corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça. (CAMUS, 2024, p. 64).

A linguagem usada por Meursault ao narrar suas ações é direta, objetiva e desprovida de emoção. Esse estilo narrativo



é uma forma de resistência contra as expectativas literárias e sociais de como um relato de assassinato deveria ser escrito. Em vez de fornecer uma narrativa moralmente carregada ou emocionalmente evocativa, oferece uma descrição quase clínica e factual. Essa escolha de linguagem desafia o leitor a confrontar o ato de violência sem as convenções narrativas tradicionais que explicam ou justificam.

O discurso colonial frequentemente justificava a violência através de narrativas de superioridade moral ou civilizadora. No entanto, Meursault não fornece nenhuma justificativa moral para seu ato. A falta de uma razão clara e a descrição quase mecânica do ato resistem à narrativa colonial que tenta racionalizar a violência. Isso subverte a expectativa de que tal violência deve ser explicada ou justificada dentro de uma lógica colonialista. A análise revela como o personagem de Camus encarna uma forma de resistência profundamente enraizada na rejeição das narrativas dominantes

Na Argélia colonial, a relação entre colonizador e colonizado é marcada por desigualdade e desumanização do colonizado. Meursault, um francês, mata um árabe, um ato que, em um contexto colonial, poderia ser visto como um reforço da dominação. No entanto, a falta de uma justificativa clara e a descrição do árabe apenas como “um corpo inerte” pode ser lida como uma subversão, em que ele não se

conforma nem mesmo com as racionalizações coloniais para a violência, resistindo a qualquer forma de justificação que o sistema colonial possa tentar impor. Ao evitar qualquer descrição que humanize a vítima ou evoque compaixão, a linguagem de Meursault desafia a norma discursiva de criar laços emocionais entre o leitor e os personagens. Isso pode ser visto como uma forma de resistência ao sentimentalismo e à moralização.

Em alguns momentos, o personagem silenciava, quando era instigado a falar. Para a AD, o silêncio pode ser interpretado como uma forma de comunicação significativa. Em vez de ser simplesmente a ausência de fala, na medida em que pode transmitir intenções, sentimentos e estados de espírito que não são expressos verbalmente. Na análise discursiva, o silêncio é frequentemente visto como um componente ativo do discurso que pode revelar mais sobre o sujeito e o contexto do que as palavras. No contexto em questão, o mudismo da personagem pode significar insubordinação. Uma vez que, o convencional em um diálogo é responder a indagações feitas. Quando não o faz, revela não ser submisso às formalidades de um diálogo, transformando-o em um monólogo. Ou seja, se nega a atender a solicitação de resposta do outro, como forma de contestar a exigência do momento.

Nesse sentido, Meursault confrontou até a autoridade do juiz: “Por que o senhor atirou num corpo caído?” [...] O juiz passou as mãos pela testa e repetiu a pergunta com a voz um pouco alterada: “Por quê? É preciso que me diga. Por quê?” Eu continuava calado.” (CAMUS, 2024, p. 72). Na maioria das vezes respondia monossilabicamente, com um “sim” ou “não” que não atendia às expectativas de quem perguntou. Como se nota em outra indagação feita pelo mesmo magistrado: “Mas ele me interrompeu e exortou-me uma última vez, do alto de sua posição, perguntando-me se acreditava em Deus. Respondi que não.” (CAMUS, 2024, p. 73).

A partir dessa fala, constata-se que Meursault é ateu. O ateísmo pode ser uma forma de rejeição aos discursos dominantes sobre religião e moralidade. Em contextos onde a religião tem um papel central e normativo, ele pode desafiar e subverter essas normas, refletindo uma resistência ao poder e à influência das instituições religiosas. A insujeição continua se refletindo no seu discurso cético, ao confessar sentir prazer em ser chamado de “anticristo”. A própria estrutura dessa palavra carrega consigo um significado bem representativo do seu caráter subversivo. Visto que é composta pelo elemento “anti-” (um prefixo grego que significa “contra” ou “oposto”). Essa carga semântica reverbera sua subjetividade

contestatória, em outros termos, que contraria os moldes sociais.

E ao fim dos onze meses que durou a instrução do processo, posso dizer que quase me espantava de alguma vez ter gostado tanto de uma coisa, como desses raros instantes em que o juiz me levava à porta do gabinete, batendo-me no ombro e dizendo com um ar cordial: “Por hoje acabou, Sr. Anticristo” (CAMUS, 2024, p. 75).

Concernente a essa objeção ao poder, Foucault (2018) desenvolve a teoria da “ação sobre a ação”. Nessa perspectiva, postula que “o poder está em toda parte” (FOUCAULT, 2018, p. 101). Assim sendo, entende-se que o poder não é exclusividade de alguns, mas atravessa toda a esfera social. Nesse contexto, o juiz não detém totalmente o poder, pois ele transita em alguns instantes para as mãos do réu, no momento em que este resiste em responder à pergunta feita por aquele, ou quando combate o discurso religioso com o discurso ateu, por exemplo. Segundo o autor, o que há são relações de poder, em que algumas forças confrontam outras, porque “lá onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2018, p. 104). E o que traduz esses embates é o discurso, por

meio da ideologia. Dessa forma, o discurso constitui-se um mecanismo “[...] pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”. (FOUCAULT, 2003, p. 3).

Um capelão, representante do discurso religioso visita Meursault na prisão com pretensão explícita de convertê-lo. Porém, não obteve êxito, nesta relação de poder estabelecida entre padre e prisioneiro, são mobilizados, respectivamente, dois tipos de discurso, dos quais ambos se assenhoreiam: o cristão e o ateu. Nesse embate de forças ideológicas, o discurso do réu confesso subsiste sem vacilar:

Foi num momento assim que mais uma vez me recusei a receber o capelão. [...] “Por que recusas as minhas visitas?” Respondi que não acreditava em Deus. Quis saber se tinha certeza disso e eu respondi que não valia a pena fazer-me tal pergunta: parecia-me sem importância. [...] Disse algumas palavras que não ouvi e perguntou, muito rapidamente, se permitia que me abraçasse. “Não”, respondi. [...] “Rezarei por você.” [...] Comecei a gritar em altos berros, insultei-o e disse-lhe para não rezar. Agarrava-o pela gola da batina. Despejava nele todo o âmago do meu coração com repentes de alegria

e de cólera. (CAMUS, 2024, p. 119, 123, 124).

Sua recusa em aceitar as visitas do capelão e em se submeter às práticas religiosas tradicionais evidencia uma postura que valoriza a autonomia do sujeito e a autenticidade de sua existência. Além disso, a reação violenta de Meursault, ao agarrar o capelão pela gola e gritar, pode ser entendida como uma forma de romper com o poder simbólico que o capelão tenta exercer sobre ele. Essa ruptura é uma manifestação física de sua resistência discursiva. Logo, seu discurso e ações são subversivos porque questionam e desestabilizam as verdades estabelecidas, propondo uma visão de mundo onde o sentido é algo que cada indivíduo deve construir por si mesmo, sem depender de estruturas externas.

Portanto, através de sua linguagem e atitudes, o personagem de Camus desafia as convenções e normas de sua sociedade, abrindo espaço para novas formas de pensar e ser. A complexidade de suas ações, vistas sob o prisma da AD, reflete uma profunda resistência aos micropoderes que permeiam as relações sociais e culturais, reafirmando a liberdade individual e questionando os valores tradicionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção narrativa de Camus em *O Estrangeiro* desafia o leitor a preencher as lacunas deixadas pelo autor, exigindo um envolvimento ativo na interpretação do texto. Essa interação é fundamental para que o leitor compreenda a aparente frieza de Meursault como uma forma de resistência a normas sociais e morais predominantes. A obra, ao oferecer pistas implícitas, convida o leitor a explorar e construir significados, alinhando-se à teoria de Wolfgang Iser sobre a estética da leitura, que enfatiza o papel criativo do leitor na decodificação dos textos literários. Assim, ao deixar de lado explicações explícitas, sublinha a natureza formativa da obra, que permite múltiplas interpretações e ressignificações ao longo do tempo.

Neste artigo, o discurso do protagonista foi ressignificado à luz da Análise do Discurso (AD), revelando uma postura de resistência que se manifesta de formas sutis, mas profundas. Seu comportamento, tanto nas interações pessoais quanto na narrativa de eventos significativos ilustra um desafio persistente às normas e valores predominantes de sua sociedade. A análise discutiu como o personagem encarna uma resistência ao poder ideológico que regula comportamentos e identidades.

Suas ações, frequentemente interpretadas como insensíveis ou desumanas, revelam uma recusa em se conformar com a moralidade convencional e os padrões sociais. Ao rejeitar a moralidade tradicional e o discurso religioso, Meursault estabelece um contraste direto com as forças que buscam moldar e controlar o comportamento dos indivíduos.

O discurso de resistência do personagem é também uma crítica implícita ao controle social e às estruturas de poder que delimitam a expressão e a subjetividade dos indivíduos. Sua capacidade de desafiar essas estruturas, ao mesmo tempo em que se mantém indiferente à sua própria situação, sublinha a complexidade e a profundidade de sua resistência. Assim, sua trajetória destaca a luta contra os discursos normativos que, segundo Foucault, exercem um controle sutil e persistente sobre os indivíduos. Em última análise, sua linguagem e comportamento revela uma crítica aguda às formas de poder e controle que moldam e definem a experiência humana.



## REFERÊNCIAS

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. Literatura e as trilhas das subjetividades. **Jornal O Dia**, 09 abr. 2024, p. A6

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **Neorregionalismo Brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira**. Teresina: EDUFPI. 2017.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. 61 ed. Rio de Janeiro: Record. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GHIRALDELLI, Jr. , P. **Foucault versus Kant**. Recuperado em 21 de dezembro, 2009, <http://ghiraldelli.multiply.com>

HAN, Byung Chul. **A Crise da Narração**. Tradução de Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes. 2023.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999. 2 v.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999. 1 v.